

EDITORIAL

Com o número trinta e oito chegamos aos dezenove anos ininterruptos de publicação, o que não deixa de ser um feito, dadas as condições de trabalho de que dispomos.

Nesses quase vinte anos podemos observar uma grande variedade de temas, uma pluralidade teórica e, sobretudo, uma variedade de autores externos à Universidade Federal de Uberlândia que acreditaram na seriedade de nosso trabalho e enviaram seus textos para publicação. Isso permite afirmar que permanecemos fiéis aos princípios que levaram à criação da Revista naquele ano de 1986, no interior do departamento de Pedagogia.

Educação e Filosofia, em que pese ser publicado no âmbito de uma Instituição Pública do interior do Brasil, não é um periódico local nem regional. Quem observa nosso Conselho verifica que é composto de pesquisadores tanto das mais prestigiosas instituições brasileiras quanto de importantes universidades estrangeiras; do nosso corpo de colaboradores pode-se dizer o mesmo.

Assim, das nossas discussões nas áreas de Educação e de Filosofia pode-se afirmar, sem receio, que têm caráter universal, em que pese nossas portas não se acharem cerradas também para temas e questões que contemplem o regional e o local. Todavia, isso não caracteriza a identidade da Revista.

Na presente edição contamos, como sempre o fazemos, de maneira equilibrada, com quatro artigos de Educação e o mesmo número de textos de filosofia, embora um de Educação seja também de Filosofia, dada sua posição na interface das áreas. Contamos com uma resenha bilíngüe, de Bento Itamar Borges, e outra em Português, de Tiago Adão Lara, ambas de livros de Raúl Fernet-Betancourt. Finalmente, publicamos a tradução da Carta-prefácio aos princípios da Filosofia de Renè Descartes, feita por Alexandre Guimarães Tadeu de Soares.

O primeiro artigo, pela ordem de publicação, é de co-atoria dos professores José Augusto Dela Coleta, Marília Ferreira Dela Coleta e Mariza Rocha Guimarães. *As Bases do Poder Social e a Conduta do Professor Universitário em Sala de Aula* trata das onze bases do poder

social segundo a perspectiva de Bertram Raven. Resulta de uma pesquisa empírica, cujos sujeitos são 448 alunos universitários.

O texto seguinte, do doutorando em Educação da Unicamp Wilson Francisco Correa, tem como título *Docência em Ética: ensinar autonomia ou heteronomia, Piaget?* é resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre ensino de filosofia e endereçamento curricular, analisa o conceito de autonomia moral em Jean Piaget.

O artigo de Sérgio Pereira da Silva, *A Filosofia Deixou a Cidade e Adquiriu Vida Própria: impasse identitário e desafios curriculares para o ensino dessa disciplina*, analisa um impasse identitário e curricular da filosofia, enquanto disciplina acadêmica, buscando, na sua origem, sua especificidade; critica e problematiza o afastamento da filosofia em relação ao cotidiano do cidadão e relaciona esse afastamento aos dilemas concernentes à maneira como hoje se ensina a filosofia.

A professora da Universidade da Beira, Maria Luisa Branco, com o tema *O Modelo Cultural como Exemplo de uma Perspectiva Integradora e Democrática de Educação Cívica*, discute, no interior da Reforma Educativa Portuguesa de 1986, a criação de uma escola pluridimensional, o que permite o acolhimento da totalidade dos valores humanos, numa dinâmica que associa aprendizagem constituída e aprendizagem constituinte, a tradição e o exercício da autonomia pessoal, a *hetero* e a *auto* educação, engendrando uma participação democrática de cada educando.

O professor Maurício Chiarello, com seu *Morituri te Salutant: Schopenhauer e Nietzsche em face da morte*, propõe uma reflexão acerca da finitude do homem. Enquanto para Schopenhauer, dada a inevitabilidade da morte, deveríamos renunciar à ilusão de nossa individualidade, Nietzsche afirma a vida como bem supremo.

Dennys Garcia Xavier, doutorando de Filosofia Antiga pela Universidade de Macerata (Itália), trata do novo critério hermenêutico dos Diálogos de Platão, que tem por pressuposto as denominadas *ágrapha dógmata* do filósofo. O referido critério, fundado pela escola de Tübingen e desenvolvido por Giovanni Reale, confronta-se com o critério anterior posto por F. Schleiermacher para o estudo do pensamento platônico.

O Professor da Universidade de Valencia, Josep Martínez Bilbal,

nos apresenta o texto *Sobre José Gaos y el absurdo de enenär Filosofia*. Uma das conclusões a que Jose Gaos chegou em sua filosofia e que foi expressa radicalmente em sua obra *De la filosofia* (1960) é o absurdo de se ensinar filosofia. O filósofo José Gaos (Espanha 1900-México 1969) formou-se na chamada Escola de Madrid com M. García Morente e sobretudo com J. Ortega y Gasset, de quem foi discípulo. Este artigo propõe um estudo comparativo da obra citada com as *Confissões Profissionais* (1953), enfatizando a diferença essencial de ambos os trabalhos e a tensão entre as orientações do Gaos professor e do Gaos filósofo.

José Maurício de Carvalho oferece-nos *Voção e Missão na Filosofia de Ortega y Gasset* onde examina as exigências mínimas que o filósofo considera orientadoras do viver. Para Ortega a vida está predeterminada, o indivíduo pode realizar-se ou falhar. Entender a circunstância em que uma coisa ou outra ocorre é um tema essencial da ética orteguiana.

A todos que contribuíram e contribuem para que esse trabalho seja possível, expressamos nossos mais sinceros e cordiais agradecimentos.

Geraldo Inácio Filho